

GRAMATICALIZAÇÃO E SEMANTICIZAÇÃO DA PARTÍCULA DE NEGAÇÃO REM DE UMA PERSPECTIVA MULTISSISTÊMICA

Raquel de Fátima Cruz OLIVEIRA¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a gramaticalização e a semanticização da partícula de negação *rem*, a partir de uma Perspectiva Multissistêmica, que vem sendo desenvolvida pelo linguista Ataliba Teixeira de Castilho — mormente em CASTILHO (2010) — uma de suas últimas versões sobre o assunto. O tema proposto será pesquisado usando o Corpus do Português <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>> de Davies e Ferreira que traz uma boa representatividade da língua portuguesa – 45 milhões de palavras, com textos de tipologia variada do Português europeu e também brasileiro, abrangendo o período do século XIII ao XX. Essa pesquisa pretende ser uma contribuição ao estudo da negação no Português, em especial da partícula *rem*, haja vista a falta de estudos mais detalhados sobre esse tema em específico.

Palavras-chave: Multissistêmica, português, negação.

The aim of this dissertation is to discuss the grammaticalization and semantization of the Latin particle *rem* from a Multissistemic Perspective, which has been developed by the linguist Ataliba Teixeira de Castilho. In CASTILHO (2010), we can find one of his latest updates about this theory. The proposed discussion will use Davies and Ferreira's Portuguese Corpus < <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp> >, which represents very properly the Portuguese Language with 45,000,000 words, including texts of several typologies of European and Brazilian Portuguese from century 13th to century 20th. The present research might contribute to studies of Portuguese negation, specially of the particle *rem*, once there is a lack of detailed studies concerning this specific subject.

Key-words: Multissistemic, Portuguese, negation.

1. Formas de negação no português

Muito embora descenda do latim, o português apresenta um sem número de características as quais não lembram num primeiro olhar a língua que o originou. O português tem suas peculiaridades e aqui atentaremos para uma que o diferencia do latim: neste, a dupla negação equivalia à afirmação, como em *nihil non*, 'alguma coisa', *non nihil temporis*, 'algum tempo' (SARAIVA, 2006, p.780). Diferentemente, na língua portuguesa, vemos construções do tipo *a menina não viu nada* e sabemos que ela realmente nada viu, ou seja, a presença de uma dupla negação na oração não altera seu significado negativo, antes o redobramento da negação funciona como um reforço.

Segundo Ana Maria Martins (1994),

No latim clássico, palavras como nemo, “ninguém”, nullus, “nenhum”, não (enfático), nihil, “nada”, funcionavam só por si como marcadores negativos

¹ Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa na FFLCH/USP. E-mail: olivaquel.fflch@usp.com.br.

(visíveis) em instancias de negação proposicional [cf. exs. (1)-(2)]. Da sua ocorrência com um outro item negativo resultavam proposições afirmativas (MARTINS, 1994, p.179).

Na língua latina clássica, Ernout e Thomas (1972) nos dizem que “d'ordinaire, deux negations en presence dans lá meme phrase se detruisent en latin et equivalent a une affirmation” (ERNOUT; THOMAS, 1972, p.153), podendo ser (i) uma afirmação parcial ou restrita: uma negação simples como *non* ou *neque* seguida de uma negação composta, como em *quae res etiam non nullam affeberat deformitatem* “cette chose (lui) apportait meme quelque laideur (Nep. 17, 8, I, Ernout e Thomas, 1972, p.153); (ii) ou uma afirmação total ou reforçada, formada por duas negações simples, uma negação composta seguida de uma negação simples ou duas negações compostas, como nos exemplos: *non nolo* “j'ai bonne intention de”; *non possum non dicere* “je ne puis m'empecher de dire”; *nec hoc ille (Zeno) non uidit* (Cic., *Fi.* 4, 60) “ceci, Zenon n'a pas ete sans le voir”, proprement “il n'est pas possible qu'il ne l'ait pas vu” (ERNOUT; THOMAS, *ibidem*, p. 154).

O latim vulgar, por sua vez, viu o aparecimento de uma segunda negação na oração não parar marcar afirmação, mas para reforçar seu valor negativo, como podemos acompanhar em um dos exemplos citados por Ana Maria Martins: *Iura te non nociturum ... nemini* [*Jura que não faras mal a ninguém*] (MARTINS, 1994, p.180)

Quando, séculos mais tarde, duas negações marcaram presença dentro de uma mesma oração, disse-nos a esse respeito Said Ali:

Quanto a presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos além da palavra não, e fácil de ver que não anda o raciocínio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o acúmulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrário, que negar o negado equivale a afirmar; mas abre excepcao –admitindo, pois, que se suspenda este raciocínio – desde que o novo termo negativo não anteceda o adverbio não. (SAID ALI, 1964, p. 198-9)

Em sua Gramática Histórica, Said Ali dedica uma pequena (porém preciosa) parte de sua obra ao estudo da negação. Para atestar o que já dissemos acima, vemos que Said Ali também nos diz que “diferentemente de nós, e de acordo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até triplice, com efeito reforçativo” (*ibidem*, p. 190).

Já Furtado da Cunha, em artigo de 2001, apresenta-nos os três mecanismos de negação usados no português do Brasil: a canônica pré-verbal (utilizada pelos homens cultos, citados por Said Ali), a negativa dupla e a final.

A coexistência desses três mecanismos de negação oracional e interpretada como o resultado da atuação de pressões rivais sobre o sistema linguístico. Admito que a competição entre motivações distintas é responsável, em princípio, pelos processos de variação e mudança que ocorrem nas línguas naturais. (FURTADO DA CUNHA, 2001).

A autora descreve, em seu trabalho de base funcionalista, os motivos que levam a negação a possuir as três formas supracitadas, motivações essas de ordem comunicativa e/ou cognitiva. Tomando por postulado que a língua é “estrutura maleável, sujeita as pressões de uso e constituída de um código não totalmente arbitrário” (*idem*), ela nos diz que o fato de existirem três formas de negação se deu porque assim se fez necessário para a comunicação entre os falantes e ouvintes. “As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes” (*idem*), e isso traz como resultado a marcação, a iconicidade e a gramaticalização.

A marcação diz respeito ao fato de algumas formas serem marcadas, nas línguas, enquanto outras não são. No português, podemos citar a marcação de plural e a forma feminina.

TRASK (2004) nos apresenta a distinção entre marcado e não-marcado como sendo a propriedade que distingue formas neutras de formas alternativas mais neutras ainda e diz que, embora o conceito de marcado exista há tempos, só no Círculo Linguístico de Praga, em 1920, que veio a ser nomeado como tal. Ser ou não marcado e, segundo o autor, uma noção muito ampla, que pode ocorrer em todos os níveis de análise.

Já a iconicidade, para Furtado da Cunha, é tratada da seguinte forma: deveria haver, nas línguas, uma regularidade isomórfica de um para um, entre forma e conteúdo, uma vez que a iconicidade pode ser concebida como a correlação entre a forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo) (*idem*, p.29,30). Não obstante, estudos sobre variação e mudança dão conta que as línguas, às vezes, apresentam duas ou mais formas de dizer a mesma coisa.

Já a gramaticalização, assunto que será melhor desenvolvido (e discutido) em partes seguintes, e apresentada por FURTADO DA CUNHA (2001) da seguinte maneira:

Novos recursos gramaticais podem-se desenvolver a despeito da existência de estruturas mais antigas funcionalmente equivalentes. Como consequência dessa evolução contínua, pode-se atestar, numa dada língua, material gramatical em diferentes estágios de desenvolvimento. (FURTADO DA CUNHA, 2001)

Para Furtado da Cunha, as negações dupla e final revelam uma trajetória de gramaticalização, manifestada no discurso falado, mas que, no registro formal, ou seja, a língua escrita, ainda tem seu uso evitado. A ordem negação + verbo, mais corriqueira e antiga na língua, e também a mais comum porque é mais facilmente processada, já que o escopo da negação é, normalmente, o verbo. Quando há a utilização da dupla negação, a autora nos diz que, nos seus dados, essa forma aparece quando existe a interrupção do tema ou tópico por parte do falante. A negação final, por sua vez, aparece quando há perda da primeira negação, em uma construção de negação dupla, como tem ocorrido no francês falado (ao invés de *Il ne mange pas*, tem-se ouvido *Il mange pas*, ocorrendo negação, portanto, marcada apenas na forma pós-verbal).

Outro estudioso da negação no português é Uppendahl (1979). Com o intuito de classificar as formas negativas, o autor distingue, assim como Ibanez (que toma por base), duas grandes categorias que são a explícita e a implícita: dentro da negação explícita, “aparece um elemento negativo claro e inconfundível, enquanto que na implícita está escondido de alguma maneira. Ambas as espécies de negação podem ser subdivididas em dois grupos” (UPPERDAHL, 1979,p.20), a saber: frases contrastivas e formas isoladas, dentre as implícitas, e a negação lexical e a sintática, dentre a negação explícita.

Não obstante, não é só no português atual que podemos observar esse tipo de variação na negação. Já em sua época arcaica, a língua portuguesa apresentava construções como *Nulh' ome non pode saber/ mia fazenda per neun sen,/ cá non ous' eu per ren dizer/ a que m'en grave coita ten²* ou *79 - cá ben quit' e de veer nulha ren/ Don Estevaeo ond' aja gran prazer³*.

Ambos os trechos trazem a partícula *ren*, cujo significado primeiro é 'coisa', herdado do latim, mas que, se seguida por uma negação, passa a significar 'nada', acepção que passara a ter independente da presença de uma negação na frase. No presente trabalho, procuraremos analisar essa partícula (então de negação), remanescente em algumas línguas (tal como o galego, o francês e o catalão⁴), mas que veio a se perder na língua portuguesa atual.

² Cantiga de autoria de Fernan Padron e de datação incerta.

³ Este último trecho foi retirado de LAPA (1995) e traz consigo o número identificador nessa obra.

⁴ Cf. OLIVEIRA e CARVALHO E SILVA, 2007. Para um estudo sobre *nada* e outras negações no galego, sugerimos a leitura de MONTEAGUDO (2008).

2. Negação no português arcaico: nulha ren e a questão da polaridade negativa

Ao nos atentarmos para as negações presentes especialmente nas cantigas do período arcaico-português, deparamo-nos com a palavra *ren*, herdada da expressão latina *nulla res nata* e que, ao passar para o português arcaico, sob a forma de *nulha ren*, apresenta significado de *nada*, ou até mesmo *ren*, sozinho, aparece com esse valor negativo.

Lapa (1995) traz, em seu glossário, ocorrências de *ren* nas cantigas que compilou:

Ren = nada.

1142 - *e, por que e grossa, non vos seja mal,
cá delgada pera gata **ren** non val;*

54 - *e pois que [assi] esto ten por ben,
faca o seu cor [non dand' a mi **ren**]
e chorara quen mal dia foi [nado].*

230 - *nen fiar[a] o senhor no malado
nenno malado [e]no senhor **ren**,*

288 - *E pois eu entendo que **ren** non valho
nen [ar] ei por outra bondad' a catar,*

A palavra *nada*, não obstante, também se faz presente em cantigas dessa época, co-ocorrendo com *nulha ren*. *Nada* descende da mesma expressão latina *nulla rem nata*, originando-se de *nata*, 'nascido'. Lapa nos dá a única ocorrência que pode atestar entre as cantigas de escárnio e maldizer:

220 - *E non depart' en **ren** , de que venca,
pero lh' outr[o] aguisado falar;*

...

*e diz que nem un prez **nada** non val;*

Magalhaes de Araújo diz que a expressão latina originou, no português arcaico, *re<rem*, no francês *rien*, no provençal, *ren*, no catalão, *res* e no português atual, *nada*. “Era igualmente bastante comum, mormente nos Cancioneiros, a expressão nulha *rem*, no sentido de ‘nada’. Possivelmente se trata de locução provinda do provençal” (ARAÚJO, 2001).

Eis nosso objeto de interesse no presente trabalho: a origem e as acepções que *res* apresenta já no latim e as que vieram a adquirir, sob a forma de seu acusativo *rem* no português arcaico, bem como as ocorrências de *nada*, cujo significado parece se misturar ao daquele. Ao nos atentar para essa negação, observamos que *ren*, ao passar para as línguas romances supracitadas, perde sua primeira partícula (a saber, uma partícula negativa), por não se fazer mais necessária, uma vez que as demais palavras adquiriram polaridade negativa, devido à alta frequência de co-ocorrência (LIMA-HERNANDES, 2008). Tal fato permite que *nulha ren*, no já português arcaico, apresente significado de nada, ou até *mesmo ren*, sozinho, apareça com valor negativo.

Para Lima-Hernandes, “o desenvolvimento de itens e estruturas no português, como em diversas línguas, evidencia que a presença de uma partícula negativa pode desencadear um jogo de prevalência da polaridade negativa sobre a positiva” (LIMA-HERNANDES, 2008). A autora defende que esse jogo de prevalência tem início por meio de inovações linguísticas ocasionadas pela transferência conceitual, por meio de implicaturas convencionais e analogias (ao fim, o que temos é a chamada metáfora), e por causa de uma motivação pragmática, motivada pela reinterpretação induzida pelo contexto (a chamada metonímia), gerada por implicaturas conversacionais).

Uma oposição reforço/economia, observada em estudos pancrônicos, demonstra que alguns itens negativos se tornam obsoletos já que houve a incorporação de sua polaridade por itens sintaticamente relacionados. A partir dessa ideia, a autora justifica a presença da dupla negação no português como forma de compensação pela habituação e consequente desgaste ocorridos. Isso cria um ciclo que já fora predito por Jespersen (1917).

Para Jespersen, o advérbio de negação e sujeito a debilitamento e, por conseguinte, sente a necessidade de se revigorar após ser debilitado. Para tanto, ele necessita de uma palavra de reforço que pode ser originalmente positiva. Nas palavras do próprio autor, a história das expressões negativas nas várias línguas nos faz testemunhar uma curiosa flutuação: “o advérbio de negação original primeiro se enfraquece, então é considerado insuficiente e, por consequência, é fortalecido, geralmente através de uma palavra adicional;

esta, por sua vez, pode ser sentida como negativa e estar sujeita, no decorrer do tempo, ao mesmo desenvolvimento da palavra original” (JESPERSEN, 1917, p.4. Tradução nossa).

Para o autor, normalmente os advérbios de negação são fracamente acentuados, pois uma outra palavra da oração recebe o acento de contraste (oração negativa existe, segundo ele, para apontar contraste e contradizer). Segundo a lógica, a negação é subordinada a uma outra ideia e, por isso, não é fortemente acentuada, vindo a se tornar uma sílaba proclítica (ou até menos que isso), prefixada em alguma outra palavra. Quiçá por medo que seu interlocutor não o escute ou não o compreenda, o falante acrescenta algo em sua fala para que o outro não tenha dúvidas quanto ao que está dizendo, coloca-nos Jespersen. Nesse contexto é que surgem as palavras positivas que, com o passar do tempo, vão se tornando negativas. Segundo nos coloca Kroll,

a frequência de emprego em frases negativas faz com que tais palavras positivas de reforço fiquem pouco a pouco carregadas pela energia negativa da frase como que por um iman, ate que por fim a própria energia acumulada chegue para independentemente desempenham funções negativas(KROLL, 1952)

Rem é o acusativo de *res*, palavra latina que tem, dentre outros, o significado de 'coisa' e, com esse significado, é encontrado na literatura medieval: *Por Deus, se vos erreí em alguma rem, perdoade-me*. Não obstante, com a presença de outra negação na oração, *rem* demonstra apresentar significado de 'nada':

Certas, vos sodes morto, que nom ha rem no mundo que vos guaresca, fora Deus.

exemplo, retirado do *corpus do português*, atesta-nos uma condição que para Lima-Hernandes, é *sine qua non* para que a mudança de polaridade ocorra: a contiguidade sintática, uma vez que, para a autora, a alteração na polaridade é desencadeada pela metonímia. Assim como as expressões de polaridade negativa apresentadas acima, *rem* necessita da presença de uma negação na oração para ter significado de 'nada'.

Passaremos agora a, a partir da Teoria Multissistêmica da língua, tentar explicar o que se passa com a partícula *rem*.

3. Teoria Multissistêmica, língua e complexidade

A ciência clássica transforma sistemas abertos, ou seja, sistemas dinâmicos, complexos e adaptativos em sistemas fechados, uma vez que, fazendo isso, pode aplicar as leis que privilegiam a linearidade em detrimento de uma não-linearidade. Partindo-se do todo, muitas vezes uma parte é focada para facilitar e simplificar a análise dos dados. Porém, se houver uma mudança mínima (por vezes, considerada insignificante) nos sistemas abertos, isso poderá desencadear uma transformação inesperada no futuro.

Se deixarmos uma ou duas variáveis e fixarmos as demais, aproximando-nos de uma situação limítrofe, um sistema aberto poderá se tornar fechado e o Efeito Borboleta supracitado não terá atuação – isso dará a impressão de um sistema estático.

Ataliba de Castilho defende a ideia de que a língua não é um sistema fechado, mas sim, um sistema complexo, dinâmico, aberto. Em sua *Nova gramática do português brasileiro* (2010), o autor nos apresenta seu olhar sobre a língua que difere dos demais olhares já lançados sobre esse objeto de estudo; dá-nos, ainda, sua afirmação de que os falares daqui diferem dos falares lusitanos que a originou.

Para Castilho, a língua deve ser observada segundo uma visão funcionalista. Isso significa dizer que devemos olhar para a língua não somente como algo da cognição humana, mas como algo que também se dá num meio social – *concebemos a língua como, antes de tudo, um instrumento de interação social* (BRAGA, 2008, p.38, 39) – e que está em constante mudança, ocasionada pelas mudanças que ocorrem no próprio meio (tais como o interlocutor, o contexto conversacional, etc.).

Retomando Castilho, o autor mostra que

A gramaticalização tem sido a piece de resistance da abordagem funcionalista da mudança linguística. A partir dos anos noventa, diversos linguistas brasileiros notaram que a gramaticalização é um bom caminho para o entendimento de como as línguas mudam, de como elas são constituídas. (CASTILHO, 2007)

A Teoria Multissistêmica da língua a enxerga segundo cinco postulados, segundo Castilho (2010):

1. A língua se fundamenta num aparato cognitivo
2. A língua é uma competência comunicativa
3. As estruturas linguísticas não são objetos autônomos
4. As estruturas linguísticas são Multissistêmica

5. A língua é pancrônica

6. Um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos

Castilho diz que a postulação desses princípios são decorrentes dos achados do “Projeto de Gramática do Português Falado” (PGPF) e do “Projeto para a História do Português Brasileiro” (PHPB), ambos analisando dados de língua falada, já que esta *é mais reveladora dos processos de criatividade e mudança linguística que a língua escrita* (CASTILHO, 2010, p.79). Para o autor, quando conversamos, estamos o tempo todo tentando prever o que nosso interlocutor fará em seguida: tentamos prever se ele já terminou sua intervenção, se ainda está em curso, se podemos antecipar nossa entrada na conversação, etc., e para isso dispomos de princípios de ativação (Como princípio de ativação, temos a projeção pragmática, na qual o locutor tenta antecipar a atuação verbal de seu interlocutor), reativação (diz respeito à correção. Quando conversamos, temos de, frequentemente, mudar o rumo de nossa conversa, quer corrigindo a nós mesmos (autocorreção) ou a outrem (heterocorreção) e desativação (está ligada a elipse. Quando abandonamos ou desativamos, ocorre o que Marcuschi (1983/2009) chama de despreferência: violamos o princípio da projeção pragmática, gerando um vazio pragmático e demonstrando que o silêncio é constitutivo da linguagem humana).

4. Gramaticalização e semanticização da partícula *REM*

Uma vez que apresentamos a Teoria Multissistêmica da Língua, passaremos agora a aplicá-la, na tentativa de explicar as mudanças ocorridas com *rem* segundo processos de semanticização e gramaticalização (mormente sintaticização).

4.2 Gramaticalização de rem

Os processos que dão conta da gramaticalização, segundo o ponto de vista da Teoria Multissistêmica, são a fonologização, a morfologização e a sintaticização. Não nos apegaremos aqui à primeira, por julgar não necessária a análise que buscamos dar. Vejamos, então, as outras duas:

4.2.1 Morfologização dos nomes latinos: res > rem

O latim era uma língua riquíssima quanto a sua morfologia nominal: havia declinações, três gêneros gramaticais (o masculino e o feminino mais o neutro) e uma série de formação para comparativos e superlativos. Ao passarmos para o latim vulgar, vemos a ausência de declinações e casos, vemos palavras se adequando a somente dois gêneros (o masculino e o feminino), vemos que, ao deixar para trás o latim vulgar, o latim sofreu várias mudanças.

Com a palavra *res*, *ei*, 'coisa', não foi diferente: o que foi legado aos séculos seguintes ao clássico foi a forma de seu caso acusativo *rem*, o que condiz com o que nos traz Castilho: “sobreviveu apenas o acusativo na România Ocidental, e o nominativo na Românica Oriental” (CASTILHO, 2010, p.148).

Possuindo *res* em sua morfologia, podemos encontrar palavras portuguesas como *real* (Lat. *reale* < *res*, *coisa*) e *república* (Lat. *re* + *publica*, *coisa publica*⁷³), mas foi *rem*, herdado da forma acusativa, que atestadamente podemos encontrar em textos do período arcaico português, como veremos logo em seguida.

4.2.2 Sintaticização de *rem*

Tendo a palavra latina *nihil*, 'nada'

formado em latim clássico a partir de “ne-hilum” (hilum = hilo, ponto negro das favas, isto é, quase nada), deixado de se empregar, as línguas românicas passaram a recorrer a outros vocábulos para exprimir o significado do pronome latino, caído em desuso. Assim, aparecem o “rien” do francês, do latim “rem”, “nada” no espanhol português (CASAGRANDE, 1973, p.15)

Nada, portanto, passou a ser utilizado em favor da lacuna deixada pelo desaparecimento de *nihil* já no latim vulgar. Defendendo a tese de que *nada* descende da expressão latina (*nulla*) *res nata*, encontramos os seguintes verbetes em dicionários:

Origem: nada vem de res nata, coisa nascida. (BECKLER, BACK & MASSING, 1994, p.2868)

Nada, s. Do lat. nāta (res), “(coisa) nascida”; a historia deste voc. não pode ser diferente dos correspondentes noutros romances hispanicos; assim, sabe-se que “todavía se empleaba adjectivamente nada cousa en elleones de los SS. X y XV (MACHADO, 1967, p. 1640)

Vejamos os exemplos retirados do *corpus do português*:

- (a) *E todo peo ou home de fora que alguma **rem** quiser demadar*
 (b) *quando vejo m u filho, a **rem** do mundo que mais amava*
 (c) *Ca bem sei, disse ele, que alguma **rem** achastes donde viindes*
 (d) *E, por Deus, se em sabedes alguma **rem**, dizede-mi-o*
 (e) *E ele nom lhi respondeu **rem**, mas comecou-lhi a dar os maiores golpes que pode.*
 (f) *Entom comecou a pensar e esteve assi gram peca que nom falou **rem**.*
 (g) *Dos outros que em aquela aventura foram vos nom direi eu **rem**.*
 (h) *e sabede que nunca houve maior vontade de **rem** no mundo como ora receber*
bautismo

O que podemos observar de diferença entre os quatro primeiros e os quatro últimos é que, por estar presente na oração um advérbio de negação, *rem* tende a oscilar entre a categoria de substantivo e pronome indefinido nos exemplos (e), (f), (g) e (h).

Retomando a discussão outrora apresentada acerca da polaridade negativa, mormente o que os traz Lima-Hernandes (2008), podemos pensar que pela contiguidade sintática *rem* foi influenciado pela negação presente na oração e tomou, para si, carga negativa. Em seu texto, a autora diz que *rem*, já no português arcaico, necessitaria de “um item com polaridade negativa, compondo a dupla negativa no português arcaico, cumprindo o ciclo de reforço” (LIMA-HERNANDES, op. cit., p. 9), reforço esse que Jespersen, no começo do século, já havia predito.

4.3 Semanticização de *rem*

Nihil, 'nada', foi um pronome indefinido latino que deixou de ser utilizado antes que o latim vulgar tomasse frente na história da língua. Sua declinação era defectiva, um vez que não possuía formas próprias para todos os seus casos. Esse tipo de carência, segundo Monteagudo (2008), era suprida pela utilização de formas correspondentes de *nullus*: “no singular (...) xen. nulliūs re, dat. nullī rei, abl. nulla re; no plural: nulli, nullae res, etc” (MONTEAGUDO, 2008).

Saraiva (2006), no verbete *nullus*, também nos traz exemplos que utilização desse vocábulo com *res*: *nulli rei esse* ('Não prestar para coisa alguma'), *nulla re una magis orationem commendari* (Cic. - 'que nada recomenda mais o orador'), o que deixa transparecer que desde o tempo de Cícero podemos observar a construção *nullus* + *res*, já que *nihil* não

detinha todos os casos. Isso vem refutar a ideia que tivemos, no começo de nossa pesquisa, de que essa negação só veio a se constituir durante o português arcaico.

Em textos latino-galaicos, Monteagudo (2008) deixa claro que encontrou ocorrências de *nulla rem* (segundo ele, uma *locucion gramaticalizada*) em textos do século XI, XII e XIII e diz que, “en posicion anteverbal, o mais corrente é que tenan valor negativo pleno” (MONTEAGUDO, 2008).

Acerca dessa expressão, diz-nos o autor:

Nulla ren: locucion pronominal con referencia inanimada (sinonima de nada) presenta aproximadamente oitenta e cinco ocorrências nos cancioneiros [a partir de consulta ao TMILG75], o que da testemuno da sua ampla circulacion na linguaxe trobadoresca. E empregada por non menos de trinta e nove autores de diversas procedencias que cobren un abano cronoloxico que chega ata finais do século XIII. Porén, non se rexistra nos Compositores mais tardios, isto e, os que trobaron en Portugal na primeira metade do século XIV. (...) A obsolencia de nulla ren ven en certa maneira anunciada na obra de Don Denis, pois o rei poeta - en xeral moi apegado aos modismos da linguaxe trobadoresca e por tanto, linguisticamente mais ben conservador... (MONTEAGUDO, 2008).

Pudemos constatar, não obstante, através de pesquisa realizada no *corpus do português*, que não só quando aparece acompanhado por *nulha*, mas também quando é acompanhado por outra negação, *rem* passa a ter seu significado primeiro de *coisa* mudado para *nada, coisa alguma*:

Rem = coisa

(a) *quando vejo me u filho, a **rem** do mundo que mais amava e o melhor cavaleiro do mundo*

(b) *E eu vos farei escarnho na **rem** do mundo que mais amades, em vosso corpo.*

Rem = nada, coisa alguma

(c) *Pois guardade-vos de mim, disse o cavaleiro, cá nom ha **rem** do mundo que tanto desame como os daquela casa.*

(d) *se a vinganca de Nosso Senhor veesse tam coitadamente como meu coracom desejaria, nom tardaria **rem**,*

Ainda que possamos entender *rem*, na oração (c), como *coisa*, em (a) e (b) não poderíamos trocar *rem* por *nada*. Em (d), por sua vez, temos a noção de tempo que dificilmente poderia ser expressa por *coisa*.

Os exemplos deixam transparecer um contexto em que *rem* adquire sentido de *nada*, *coisa alguma*: quando há negação presente na oração, já que esta parece ter, em seu escopo, a palavra *rem*, influenciando-o negativamente.

Chierchia (2003) nos diz que “regras semânticas operam sobre estruturas sintáticas e que a noção de escopo terá reflexos semânticos” (CHIERCHIA, 2003, p.210-11); no nosso caso, podemos pensar que a negação presente nas orações detém, em seu escopo, *rem* e, como este, desde o latim clássico, possui um significado negativo quando usado junto de negação, passa a reativar sua carga semântica negativa. Isso se encontra de acordo com a ideia de que uma palavra, segundo a Teoria Multissistêmica, tem traços semânticos inerentes que são, segundo a necessidade, trazidos a tona pelo aparato sociocognitivo.

Em

(e) *Eu te prometo que mim nom saberas **rem** dizer que eu nom faca por haver teu amor*

vemos que, inserida na oração subordinada, há a negação que escopa o SV que se segue e, sendo *rem* objeto direto deste verbo, acaba por ser escopado junto. Para esse tipo de negação, em que temos não + verbo + coisa alguma/nada, contexto em que obtivemos a maior parte das ocorrências de *rem* no *corpus* pesquisado, vemos o advérbio de negação *não* e *rem* servindo como um redobramento do advérbio. “No domínio da terminologia linguística, esse esquema de negação tem recebido dois rótulos: negação polar e negação redobrada” (CASTILHO, *op. cit.*, p.577).

5. Conclusão

Ainda que de forma pouco profunda, este trabalho (ainda não concluído) faz-nos pensar acerca dessa partícula tão produtiva, desde o latim clássico, e que veio ganhando, no decorrer dos séculos, significados tão diversos quanto alguns que aqui pudemos observar, muitas das vezes dependentes das palavras contíguas a ela – como no caso de *nulha rem*. Há

um longo caminho a ser percorrido até que os resultados e análises nos deem boas hipóteses quanto ao que se passou com *rem*, mormente no período arcaico.

Até aqui pudemos observar que a presença de várias negações dentro de uma mesma oração era bastante profícua (e, daí, recorrente) nas cantigas trovadorescas, e foi nesse contexto que *rem* se nos apresentou como partícula negativa bastante produtiva.

Conclusões carecem, atualmente, de maiores análises, mas podemos vislumbrar que a questão da polaridade negativa se faz presente, a fim de explicar o porquê da mudança de *rem* ‘coisa’ para *rem* ‘nada’. Da mesma maneira, julgamos ser de grande valia a Teoria Multissistêmica, uma vez que observa a língua e suas mudanças de modo não-linear, já que notamos mudanças co-ocorrendo na sintaxe, na semântica e na morfologia da partícula *rem*.

São esses os caminhos pelos quais ainda continuaremos percorrendo para que cheguemos, ao fim, a hipóteses bem fundamentadas sobre a partícula de negação *rem* e contribuamos, assim, com os estudos acerca da negação na língua portuguesa.

6. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, R. Variedades semânticas do latim vulgar. In. *Cadernos do CNLF, série V, nº 8. A Filologia Ontem e Hoje*. 2001. Disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_11.htm. Acesso em 20 de setembro de 2010.

BECKLER, E. ; BACK, S. & MASSING, E. R. *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*. Vol III. Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil. Gráfica UNISINOS, 1994.

CASAGRANDE, J. L. C. *Introdução ao estudo da negação em português arcaico*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, 1973.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Abordagem da Língua como sistema complexo: contribuições para uma nova lingüística histórica. In: CASTILHO, A. T. *et alli* (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes/FAPESP, 2007, p.329-360.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. L. A. Pagani, L. Negri, R. Ilari. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2 ed. Paris, Éditions Klincksieck, 1972.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio

funcional da negação. In: *Revista Delta*. São Paulo, v.17, n.1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100001&Ing=en&nrm=iso> Acesso em 10 de agosto de 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *et alli*. Pressupostos teóricos fundamentais. In: *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003, p. 29-55.

JESPERSEN, O. *Negation in English and other languages*. Kobenhaven, 1917.

KRÖLL, H. Sobre nada e algumas expressões equivalentes em português. In: *Boletim de filologia*. Tomo XIII. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1952. Disponível em: <www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/lingua/boletimfilologia/13//pag1_19.pdf> Acesso em 11 de agosto de 2010.

LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 4ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995.

LIMA-HERNANDES, M. C. [A gramaticalização e o processo de metonímia: incorporação da negação no português](#). In: MAGALHÃES, J. S. de & TRAVAGLIA, L. C. (orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: ILEEL/ UFU, 2008.

MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Vol III, Editorial Confluência, Lisboa, 1967

MARTINS, A. M. Aspectos da negação na história das línguas românicas (da natureza de palavras como 'nenhum', 'nada', 'ninguém'), in *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1994, p. 179-210. Disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/actas-12-encontro-apl-1996_vol2.pdf> Acesso em 18 de agosto de 2010.

MONTEAGUDO, H. *Letras primeiras. O foral de Caldelas, os primórdios da lírica trobadoresca e a emerxencia do galego*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2008.

OLIVEIRA, R. de F. C.; CARVALHO E SILVA, T. do A. Aspectos da negação do português arcaico dos séculos XIII e XIV (período galego-português). In *Língua, literatura e ensino*. V. II., 2007. Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/seer/sepeg/ojs/viewarticle.php?id=85>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

UPPENDAHL, K. *A negação em português (com referência a outras línguas,*

especialmente o espanhol). Porto Alegre: Editora da URGs, 1979.